Numero 311 Domingo, 29 de Janeiro de 1888 7.º Anno

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS
EM AVEIRO — ANNO 5$0 (NUMEROS) 1$000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO ANNO (50 NUMEROS) 1$125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 2$000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
NA SECÇÃO DOS ANNUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

AVEIRO

INCOHERENCIAS
E
INCONGRUENCIAS

Não censurâmos o *Seculo* pelo prazer de o censurar. Mas é que são tantas e tão repetidas e tão vergonhosas as contradicções d'aquelle jornal, ora conservador, ora avançado, ora opportunista, ora radical, ora a favor das colligações, ora contra ellas, ora anti-jesuitico, ora anti-clerical, que se torna indispensavel e urgente, ou arrumar com ellas definitivamente, ou prevenir o espirito republicano, principalmente os espiritos sempre propensos a acreditar no que suppõem bôas intenções dos outros, que o *Seculo* não tem principios definidos sobre cousa alguma d'esta vida, que não tem orientação, que não tem crenças, que obedece ao espirito mercantil e nada mais, e que n'esses casos esse jornal é uma desgraça, principalmente com a cathegoria que lhe dão de orgão do partido, desgraça que tanto nos tem perseguido e prejudicado ha quatro annos para cá. E' preciso que fiquemos n'isto.

Se o partido não fosse tão condescendente com as perfidias permanentes e eternas do sr. José Elias, não teria chegado á crise que atravessa n'este instante. Se se tivesse imposto a valer aos srs. Pedroso e Theophilo Braga, logo que se reconheceu que eram homens incapazes d'uma acção decisiva e energica, como lhe aconselhámos muita vez, não teria hoje a lamentar tantos desastres. Da mesma maneira, se quando o sr. Magalhães Lima tiver saude, e oxalá que a tenha para muitos annos e bons, não lhe pozer termo ás leviandades, o que será milagre, ás incoherencias, o que seria verdadeiro assombro, á incapacidade politica, o que seria caso para o céu tremer d'inveja, á fraqueza de caracter, o que seria estupendo, unico, excepcionalissimo, ou o não pozer de parte como individualidade politica contraproducente, como é, será inevitavel este progresso de caranguejo em que vâmos marchando para o fundo do abysmo. Creiam isto, que não é uma simples concepção do pensamento. E' a licção da experiencia e dos factos. Teem-nos chamado muita cousa má, mas o tempo veio-nos sempre dar razão. E como o diabo nunca é tão feio como o pintam, tenham mais transigencia com elle, ouçam a propria consciencia, estudem os factos, ponham-se de capa com os acontecimentos e bem póde sêr que o diabo venha a deixar de o sêr. Ora pois!

O *Seculo* está hoje contra os jacinthaceos? Pois ámanhã está com elles outra vez, como esteve hontem. Está hoje com os radicaes? Não está; mas supponhâmos. A'manhã está contra elles, como em tempo já esteve a favor d'elles. Está contra os clericaes? Que importa! Contra os clericaes já elle esteve. Depois esteve a favor d'elles na celebre questão anti-jesuitica. E, entretanto, que temos nós ganho e o que ganhâmos em o acreditar n'esses periodos favoraveis, em confiar na sua propaganda, em esperar d'elle alguma cousa? Nada. Perdêmos sempre. Perdêmos tempo, e o tempo é preciso na politica como em tudo. Perdêmos por mais do que uma vez o ensejo de nos organisarmos. Perdêmos os republicanos timidos por desenganos successivos. Perdêmos uma parte do nosso proprio alento. Perdêram muitos a fé. E perdêmos muito bons caracteres, que não toleram incoherencias, nem contradicções, nem faltas de seriedade. Eis tudo.

Lembrem-se os republicanos de que nós estâmos todos os dias a censurar as incoherencias dos monarchicos. Se vâmos no mesmo caminho, que nos resta? Lembrem-se de que o nosso maior argumento contra a monarchia é a sua falta de principios, d'egualdade, de corpo de doutrinas. Se não espalharmos ideias, nós, se não defendermos doutrinas, se não prégarmos principios, como quer o sr. Trigueiros de Martel, onde nos fica a auctoridade? Que confiança podem inspirar as nossas pessoas ao paiz? Pessoas por pessoas lá tem as dos monarchicos. Essas, ao menos, conhece-as de sobejo. Escusa de se lançar em novas aventuras.

Não. O *Seculo* não se póde livrar das responsabilidades tremendas, que lhe cabem na questão que mais grave tem surgido no partido até hoje, a questão Jacintho-barjonacea. E posto isso, não tem auctoridade nem moralidade para cousa alguma d'este mundo. O seu dever era atacar, como nós fizémos e outros muitos, as conspirações que se tramavam, porque só atacando-as, porque só explicando-as, porque só trazendo-as á publicidade, se esclareciam os espiritos e se fazia propaganda. Mas não só não seguiu essa conducta digna e honrada, como fez o contrario exactamente. Não quiz publicar o annuncio da conferencia do sr. Arriaga. Não quiz publicar textualmente o convite do Centro Fraternidade Republicana para a reunião dos adversarios dos accordos. Não quiz publicar as convocatorias do Centro do Calvario. Os seus redactores hostilisaram no congresso os radicaes. O sr. Alves Correia andou pelas provincias a fazer cathechese barjonacea. O sr. Trigueiros de Martel escreveu um artigo caloroso a favor do directorio, que negociava as colligações immundas.

Tem alguma seriedade este jornal?

Não. O *Seculo* não é sincero. Demonstra-o tudo que se passa. Afflicto pela baixa que o accommetteu, baixa de leitores, apoz a sua indigna conducta, foi implorar aos srs. Latino Coelho e Rodrigues de Freitas que o salvassem. Os dois eminentes escriptores, por amor dos principios ameaçados n'este instante e não por amor do jornal, annuiram e cederam. O que aconteceu? O sr. Rodrigues de Freitas defende a necessidade d'um programma, de que enumera pontos serios, e declara que é indigno d'um partido ater-se unicamente a derribar o throno. No dia seguinte o sr. Martel troça do programma e limita-se á aspiração ridicula de substituir a um rei um presidente!

O sr. Latino Coelho, n'um artigo brilhantissimo, defende o radicalismo e parte a fundo, com a valentia que lhe é peculiar, sobre o opportunismo. O sr. Martel corre logo a salvar a *patria* ameaçada, declarando que não *quer* ouvir falar de radicaes nem de opportunistas!

Um jornal d'estes é sincero?

Não, não póde ser sincero o jornal que tem por director um individuo que fugiu para não votar a declaração de que o partido *confiava na força e prestigio do seu ideal de justiça e na victoria certa dos seus principios* e um redactor d'influencia, o principal, que votou contra.

Note-se: — O *Seculo* dirá o que quizer. Mas emquanto o *Seculo* tiver por redactor um individuo, que votou contra a declaração de que—**o partido confiava na força e prestigio do seu ideal de justiça e na victoria certa dos seus principios**—o *Seculo* mente, o *Seculo* trapaceia, o *Seculo* não tem outro espirito senão o espirito vil do vil negociante, o *Seculo* ludibria as consciencias puras e honestas.

SETIMO ANNO

Faz hoje precisamente seis annos que se publicou n'esta cidade o primeiro numero do *Povo de Aveiro*.

Ao festejarmos o primeiro anniversario, escreviamos:

«O *Povo de Aveiro* é republicano radical e intransigente. Quer a sã democracia na sua accepção mais ampla e rasgada, porque lhe parece tolice combater e luctar, sacrificar-se e sofrer por um regimen que melhore em pouco ou em nada as desgraçadas condições politicas, administrativas e economicas da sociedade portugueza.

Estar na brecha, com o peito exposto ás balas, aluindo o throno para que mais tarde sobre os destroços d'esse throno se erga um outro, onde se sente em logar do sr. D. Luiz ou do sr. D. Carlos um individuo chamado presidente da Republica, de vez em quando revezado por outro, affigura-se-lhe mais do que um contrasenso, affigura-se-lhe um crime. Uma republica conservadora e centralisadora é a negação perfeita de todas as leis sociologicas e de todos os principios democraticos.»

Lêem-se estes periodos no nosso artigo editorial de 31 de dezembro de 1882! Tal qual o que escrevemos hoje. Pensâmos agora como pensavamos ha sete annos, como pensavamos ha seis, como pensámos sempre. Os nossos principios conservaram-se immutaveis, os mesmos antes de sêrmos collaboradôres do *Seculo*, emquanto o fômos e depois de deixarmos de sêr. D'onde se vê que foram os outros que se separaram de nós, que mentiram á fé jurada, e não nós que prejurámos ou que nos separámos d'elles. Para conhecimento da canzoada que nos ladra e satisfação da nossa consciencia!

No segundo anniversario escreviamos:

«Hoje, como ha dois annos, está o *Povo de Aveiro* exactamente no mesmo terreno, sem variar em cousa alguma a sua linha de conducta. Na localidade não deixaremos de continuar a pugnar com energia pelo engrandecimento material e moralidade de Aveiro, louvando quem devemos louvar, porque algumas vezes temos louvado os nossos maiores inimigos, e censurando quem devemos censurar. Em politica geral sômos cada vez mais intransigentes e mais radicaes. Queremos em administração e politica as reformas mais avançadas; sômos livres pensadores em religião.»

No terceiro:

«A nossa situação é a mesma; a nossa conducta mesmissima. Sômos radicaes, intransigentes, livres pensadores; advogâmos todos os principios bons e estâmos em guerra aberta com todos os principios maus; festejâmos, applaudimos todos os homens de bôas intenções e fustigâmos e fustigaremos sem piedade todos os petulantes, todos os nullos, todos os ambiciosos, todos os vaidosos, ou se digam monarchicos ou republicanos.»

No quarto:

«Como hontem, como hoje, como ámanhã:—radicaes, intransigentes, livres pensadores.»

No quinto:

«De resto, se não pertencemos a grupo nenhum, hoje, como hontem, como no primeiro dia:—radicaes, intransigentes, livres pensadores. E' a bandeira que hasteámos ao nascer para a politica e a cuja sombra esperâmos de morrer, sem mêdos, nem receios, nem duvidas, nem hesitações.»

Que nos resta hoje accrescentar, ao encetarmos o anno setimo da nossa existencia? Nada. O que ahi fica diz tudo. Cada vez amâmos mais os principios que um dia professámos. Radicaes, intransigentes, livres pensadores.

O que fômos, sê-lo-hemos.

Do cumprimento do dever que nos impozémos, os leitores dirão e julgarão. A nós diz-nos a consciencia que temos prestado alguns serviços, ainda que insignificantes, ao bem da civilisação, e resta-nos a alegria intima de termos sido escravos da coherencia e da honra. Incoherentes, isso não! Venham todos os defeitos, que ficâmos contentes com essa qualidade só.

O LYCEU

Surgiu, emfim, o officio do sr. director das obras publicas. Mas...

L'azur prodigieux s'épanouit au ciel.

E' um documento vergonhoso para quem o escreveu e para quem o publica, como nós de resto já sabiamos. E pelas noticias exactas que haviamos recebido d'aquelle embroglio sem tino, sem ideias, sem coherencia e, até, sem grammatica, é que queriamos desfeita, perante o publico que nos ha de julgar a todos, a troça com que o orgão progressista nos falára da *tanta proficiencia, imparcialidade e bom criterio, da tão brilhante energia e elegancia de phrase* do sr. Araujo e Silva. Surgiu, e ainda bem que todos viram que não calumniámos o sr. director das obras publicas quando o taxámos d'insignificante. Se aquelle homem não houvera estragado o quartel e tudo em que se tem mettido até hoje, se não houvera mostrado a sua incapacidade e merito artistico em todos os monumentos que ahi ficaram a attesta-lo, bastaria para tanto o mais alvar e boçal dos relatorios que têm apparecido até hoje nos archivos da cidade.

Avez-vous seulement un peu de lueur vraie?
Non. Rien.....
..... penseur officiel,
Rat du budget, souris d'une bibliothèque.

Sigâmos passo a passo o heroico campeão da mudança do lyceu, com a paciencia e serenidade que temos tido em todo este negocio. Questões d'esta ordem não se resolvem nem debatem com a petulancia que o sr. director das obras publicas patenteia em todo o seu desgraçado aranzel, petulancia que não prova senão a falta d'argumentos e a ausencia de razão, mas com a analyse dos factos, fria e tranquilla, e com o exame severo da verdade.

«Respeito a opinião publica quando os assumptos que ella invade estão ao alcance e no direito da sua competencia.»

Homemzinho, ao alcance da opinião publica estão todos os assumptos, seja qual fôr a sua natureza. Porque a opinião publica é o conjuncto de todos os cidadãos e de todas as classes. São os sapateiros, como são os carpinteiros, como são os militares, como são os engenheiros, como são os medicos, como é tudo quanto constitue sociedade e tem direitos civicos. Logo, seja qual fôr o assumpto que se tratar fica sempre ao seu alcance. Explicam-n'o e estudam-n'o os cidadãos de maior valor ou talento para isso e os restantes julgam e resolvem com o *direito* da moderna liberdade, direito que é a base de toda a nossa vida social, a maior conquista da civilisação moderna. E para julgar, á face dos argumentos contrapostos, não é preciso sêr-se engenheiro, nem

sapateiro, nem ser medico. E' preciso unicamente ter raciocinio e ter senso. E' necessario, por ventura, que todos os criticos de pintura sejam pintores? Que todos os criticos de musica sejam musicos? Finalmente, que todos os criticos d'arte sejam artistas? Geralmente não o são, os mais notaveis e distinctos em toda a parte do mundo. E fossem ou não fossem, como o talento e a capacidade não se medem ás pollegadas, só os petulantes e os insignificantes distinguem e falam em competencias. Competente é todo aquelle que sabe e que diz bem. E quando elle sabe, e quando elle argumenta com valor, triumpha-se discutindo melhor e argumentando com mais força. Deixar-se-lhe de pé os argumentos e procurar-se-lhe a origem, são basofias e presumpções fidalgas que cahem logo ao nascer, n'estes tempos em que tem mais direito á vida e á consideração publica, não quem tem mais pergaminhos, mas quem mais trabalha e *mais sabe trabalhar*, condição ultima de supremacia e de victoria. Esse é o recurso de todos os nullos, e, permitta-se-nos a dureza da phrase, de todos os asnos. Ora, com perdão do sr. director das obras publicas, esse foi o recurso de sua ex.ª!

E que levassemos a questão pelo lado das competencias, e não levaremos nunca nenhuma para tal campo pelas razões que expozemos, ahi mesmo é infundada e ridicula a pretenção balôfa do balôfo sr. director das obras publicas. Porque é risivel dizer-se que o sr. Manuel Firmino tenha mais competencia que o sr. João Romão. Que o sr. padre José Candido tenha mais que o sr. Manuel Christo. Que todo o professorado e todos os chefes de repartições tenham mais e tanta como a commissão José Estevão, e como os jornaes que levantaram a questão onde collaboram engenheiros e artistas. Que impertinentes massadores e que atrevidas creaturas!

«Entre nós a gratidão publica é um predicado tão raro d'encontrar, como o patriotismo um sentimento difficil de cultivo. Não posso, portanto, enlevar-me pelo enthusiasmo dos que são quasi sempre instrumento de instigações pouco puras e muito reservadas, mirando a fins de conveniencia propria e não raras vezes a intuitos de politica de corrilhos. Realmente, não attinge a esphera da minha comprehensão o motivo que leva aquelles cavalheiros (commissão José Estevão) a pedir uma cousa que nenhuma relação tem com os fins com que se constituiram.»

Em primeiro logar, só um funccionario que não preza o seu decôro desce a considerações politicas e aggressões pessoaes n'um documento publico, em que se debatia apenas uma questão technica. Em segundo logar, é indigno que por melindres pessoaes e vaidade ferida e irritante, em que aliaz mal tinhamos tocado á data em que foram escriptos aquelles disparates, o sr. director das obras publicas venha lançar insinuações torpes sobre uma cidade inteira. Quem é instrumento aqui d'instigações pouco puras e muito reservadas? E' a generosa classe academica, que tão espontaneamente sahiu a protestar contra a tentativa de vandalismo mais perfida e ultrajante dos ultimos tempos? São todos esses cidadãos honrados, que cobriram uma representação respeitosa e legal com os seus nomes? E' a opinião toda d'esta terra, que toda ella está pela conservação do monumento que José Estevão nos legou?

E chama áquillo o orgão progressista — *arguições justissimas!* A cidade que lhe pague mais essa deferencia.

Quem é que mira aqui a fins de conveniencia propria? A benemerita commissão José Estevão, que só tem sabido sacrificar os seus interesses na lucta gloriosa em que anda envolvida?

Quem é que mira aqui a intuitos de politica de corrilhos? O *Povo de Aveiro*, que tanto dá nos regeneradores como nos progressistas, que distribue a toda a hora pranchadas para a direita e para a esquerda, ao contrario do sr. director das obras publicas que é regenerador quando os regeneradores estão no poder e progressista quando os progressistas nos governam, sem duvida porque tem a consciencia de que só d'essa maneira conseguirá equilibrar-se na insignificancia em que tem vivido até hoje? Na verdade, é preciso atrevimento para tanto.

Não attinge a esphera da sua comprehensão o motivo porque a commissão José Estevão protestou contra o vandalismo revoltante! Não admira. O que admiraria seria que v. ex.ª chegasse a comprehender alguma cousa que fosse sensato e razoavel.

Pois o motivo é muito simples e foi mesmo v. ex.ª que o disse. Disse-o v. ex.ª, quando exclamou que *a gratidão publica é predicado raro d'encontrar e o patriotismo sentimento difficil de cultivo*. Ora o povo aveirense, que, por instigações e calumnias d'esse mesmissimo jornal que lhe publica o seu officio, acarreta na historia com a enorme responsabilidade de ter derrotado na urna o maior tribuno d'este seculo para eleger um insignificante da laia de v. ex.ª, o sr. Manuel Firmino, entende que basta de vergonhas e de responsabilidades. E por isso, já que tão ingrato foi em vida com um vulto da cathegoria de José Estevão, quer ao menos depois de morto respeitar aquelle grande nome. E por isso a commissão José Estevão, que iniciou esse grande movimento de gratidão posthuma n'esta terra, que lançou hombros á empreza patriotica, nobilissima, rasgada, de insuflar algum patriotismo, d'esse que v. ex.ª tanto chora, no coração das massas aveirenses, não podia, sem macula eterna, consentir impunemente que mais uma vez se falseasse o reconhecimento e o respeito devido a um grande homem, que foi nosso irmão illustre e nosso filho adorado.

Disse-o v. ex.ª quando escreveu perfeitamente que todos os *homens uteis d'esta terra teem sido victimas da sua iniciativa, da sua dedicação patriotica e até dos seus sacrificios pecuniarios*. E, oh ironia do acaso, v. ex.ª chegou a citar José Estevão como o mais saliente d'esse grupo! E' verdade. José Estevão foi o mais util, o mais dedicado, o mais patriota. E por tal motivo, certamente, foi o mais calumniado, o mais perseguido e o mais diffamado. Não por nós, nem por gente que nos toque. Mas precisamente pelos inspiradores, directores, redactores e proprietarios do jornal que acha *justissimas e auctorisadissimas as arguições de v. ex.ª*

Justissimas para elles, isso são. E a ninguem v. ex.ª descompõe tanto como a elles proprios!

Ora sendo isso assim, e se o fim da commissão José Estevão não é levantar uma estatua por levantar uma estatua, mas glorificar um nome puro, mas fazer justiça a um homem grandioso por tantos titulos e principios, mas firmar uma reputação immorredoura, como é que o sr. director das obras publicas não *comprehende* o pedido da referida commissão, e acha que o negocio do lyceu nada tem que vêr com os seus fins, que foram e são honrar a memoria do famoso orador? Decididamente é mais bronco de que o poderiamos suppôr.

Sim, todos os homens d'esta terra teem sido votados á mais feia ingratidão *por inveja, por odios e até por simples malvadez*. Corra o *Campeão do Vouga* e verá. Vá folhear a historia contemporanea e fale depois com mais consciencia e sciencia. Não venha tolamente referir-se a Mendes Leite, quando é certo que os redactores e directores do jornal, que lhe acha as *arguições justissimas*, nem sequer a homenagem lhe prestaram de o acompanhar á sepultura. Seja mais prudente e sejam mais prudentes os seus protectores e os seus panegyristas. Quando não nós lembramos-lhe, já que leva a ousadia até falar em tal assumpto, e o orgão progressista a ousadia maior de o consentir, aquelle caso estupendo d'um governador civil e d'um presidente da commissão executiva da junta geral estarem vendo da janella passar o cadaver do chefe d'um partido adversario, d'um cidadão carregado de serviços, d'um illustre patriota, sem obedecerem ao dever de descerem á rua a acompanhal-o!

Como é que o sr. quer reconhecimentos e gratidões para a memoria de Mendes Leite, se os seus amigos e senhores nem sequer tiveram a deferencia de o acompanhar á sepultura? Se o sr. tivesse senso nunca escreveria dislates de tal ordem. E se tivessem vergonha os directores do *Campeão* não lh'os teriam publicado.

E posto isso, no domingo continuaremos largamente. Ha de chafurdar até ao fim nas asneiras que escreveu.

Carta de Lisboa

27 de Janeiro.

Continuam as palhaçadas na camara dos representantes da nação. Alguns simples, e muitos especuladores, tomam e fingem tomar aquillo a serio. Eu, porém, presisto na impenitencia e na teima. Aquillo é uma vergonha, uma repugnante porcaria. E' certo que o governo é desgraçado, como todos. Mas não é menos verdade que a opposição regeneradora e barjonacea, além de sêr culpada de todos os delictos e de todos os crimes que se imputam aos progressistas, tem mais a responsabilidade do triste espectaculo d'incoherencias, de accordos revoltantes, de manejos illicitos, que tem dado ao paiz. Em ultima palavra—ninguem tem menos auctoridade para accusar o governo do que barjonaceos e serpaceos. Se os outros são maus, elles são a mesma cousa. Se os outros são pouco limpos em processos, elles são porquissimos.

Quem devia ter auctoridade, sei-o eu. Deveriam sêr esses senhores que se chamam deputados republicanos. Republicanos! Elles são mas é mais asquerosos e mais indignos que todos os monarchicos que teem logar no parlamento.

Deveriam sêr elles a erguer-se n'aquella casa, onde entraram com um encargo honradissimo, para accusar, não os progressistas, mas a monarchia, mas o regimen depravado que ahi está, unico responsavel de tantos crimes, causa primeira e poderosa de todas as desgraças que nos ferem. Deveriam sêr elles a voz trovejante da justiça para flagellar, não os progressistas, não os regeneradores, mas todos esses homens sem caracter, sem altivez, sem brios, sem consciencia, que veem cooperando ha muitos annos na obra nefanda da monarchia que nos rege. Deveriam sêr elles o azorrague da verdade, que se aproveitasse das scenas escandalosas e ignobeis de que tem sido theatro o palacio de S. Bento, para fustigar a face deslavada de todos os grupos monarchicos, de todos os homens realistas que teem a responsabilidade, no mesmo grau e proporção, das miserias populares e das graves perturbações que se alastram no paiz.

Em logar d'isso, o sr. José Elias ainda não abriu bico no parlamento e o sr. Consiglieri Pedroso, se o abriu, foi para fazer o jogo barjonaceo. Em logar d'isso, os deputados que trazem o distico roubado de republicanos vivem na mais intima solidariedade com os deputados barjonaceos. Em logar d'isso, em logar de obrigar esses gatunos da democracia portugueza, que trazem um nome que lhes não pertence, que se embrulham n'uma capa de principios que é muito nossa, democratas sinceros e leaes, capa que põem no prégo da monarchia quando lhe faltam os conchegos que desejam, a despir na praça publica o alheio, ou a trata-lo ao menos com respeito, o *Seculo* não cessa de os secundar, de os apoiar, de os auxiliar nos seus negros intentos. E depois os ingenuos, os pacovios de bôa fé, fazem a apotheose do sr. Magalhães Lima e a gloria do sr. Consiglieri! Pobres do espirito, que nem sequer reparam que ninguem tem maior culpa e peccado n'estas miserias todas que o sr. Magalhães Lima. Elle, director do jornal mais sem principios, mais sem coherencia, mais sem dignidade politica que tem surgido n'este paiz em todos os grupos e partidos! Vergonhoso.

E' verdade. Os srs. deputados *republicanos* teem feito uma figura indecente no meio de todas estas luctas. E quando a gente, indignada e enojada, abre o orgão do partido para vêr se encontra alli qualquer compensação, em bôa prosa e doutrina, a uma conducta parlamentar tão abjecta, o que vê? Decepção arida e triste:— o mesmo systema, o mesmo processo, a mesma vergonha! O boletim parlamentar do *Seculo* é um boletim barjonaceo e nada mais. A colligação do parlamento reproduzida na imprensa!

Não é certo? Diga-o lá quem fôr capaz. Digam lá que o boletim parlamentar do *Seculo* não visa dia a dia a ferir mais os serpaceos que o proprio governo. O *Seculo* nunca diz, ou raro diz,—a opposição! Não, que opposição tambem são os barjonaceos. O *Seculo* tosa então o governo e... os serpaceos. Comprehende-se. O *boletineiro* quer arranjo. E só se *arranja* indo o governo para baixo e o Barjona para cima. E então guerra ao governo e guerra ao Serpa!

Está bom. Venha de lá mais uma apotheose para o sr. Magalhães Lima! Vamos, que, além de muito mais, o sr. Magalhães Lima, que já está restabelecido, faz isto n'este instante:—Tem um redactor no seu jornal, e o redactor de maior influencia, que **não confia na força e prestigio do ideal de justiça da democracia portugueza e na victoria certa dos principios republicanos.** O mesmo, que **não quer a unificação de todos os elementos que constituem o partido.** E outro que faz boletins **puramente barjonaceos** todos os dias, sem duvida porque só *confia na força do sr. Barjona, no prestigio d'um estomago recheiado, na justiça de funil e na victoria certa de quem melhor pague e quem mais dê*. Eis tudo.

Salta uma apotheose para o sr. Magalhães Lima!

—O muito respeitavel e muito veneravel sr. Ernesto Loureiro, grão mestre da ordem de S. Sebastião de que é grã cruz o barbas d'Esaú, acaba de subir mais um grau na escala das grandezas. Por favor do sr. Mariano de Carvalho subiu de 2.º a 1.º official do ministerio da fazenda. Por graça do mesmo alto e poderoso ministro d'estado, subiu a chefe da repartição de sua ex.ª poderosa e altissima. Por obra do mesmo illustrissimo e excellentissimo senhor, subiu a sub-chefe do serviço dos armazens e descargas do circulo das alfandegas do sul!!!

Rapazes, mais uma apotheose para o sr. Magalhães Lima! Porque foi aquelle ernesto que desviou e falseou o movimento anticlerical. Porque foi aquelle ernesto que mais contrariou o movimento radical. Porque foi aquelle ernesto o maior apologista das colligações monarchicas. E o sr. Magalhães Lima applaudiu, sanccionou e apoiou tudo com o maior enthusiasmo. Rapazes, uma corôa de brilhantes, que uma corôa de louros já não basta! Ora o diabo!

Corôa de papel é que ella é, não fossem os leitores julgar que estavamos falando serio. E' verdade que o sr. Magalhães Lima voltou á vida publica. Mas no meio d'uma indifferença que faz dó. E merece-a. Se prestou um dia alguns serviços, e prestou-os, de tal fórma os comprometteu com a sua vida futura, que mais valera não ter prestado nenhuns. Com a sua falta de principios e fraqueza de caracter ha quatro annos que tortura, contraria e embaraça a marcha do partido. Accusem-no a elle d'essas jacinthadas, theophiladas e garciadas todas que ahi vão. Se o *Seculo* seguira sempre o caminho da verdade e da justiça nada d'isso haveria. Mas com as suas faltas, delictos e irregularidades, alentou e creou todas essas excrescencias.

Ora pois, sr. Magalhães Lima. Resolva-se emfim a entrar no caminho recto da politica, sem transigencias, incoherencias e leviandades e nós seremos o primeiro a applaudi-lo. Ainda se poderá, talvez, rehabilitar. Emquanto o não fizer, e attendendo á representação que lhe dá o seu jornal, nós seremos, como sempre, o seu mais cruel adversario. E o desprezo publico fará o resto.

Y.

Carta da Bairrada

Janeiro, 27.

Curiosa, esta situação!

Agitam-se os povos de quasi todas as freguezias dos concelhos que compoem a circumscripção da Bairrada; queimam-se os boletins do recenseamento agricola e pecuario desde Murtede, até Oliveira do Bairro; o serviço telegraphico do districto passa repetidas vezes do estado normal ao estado permanente; o governador civil substituto do districto, ora com um, ora com dois policias, não cessa de vir a Anadia receber e dar inspirações; ha demissões celebres e mais celebres nomeações de administradores; na Mealhada não ha quem queira servir de administrador; pedem-se todos os dias para o quartel general de Vizeu enormes reforços de tropa; derrama-se muito sangue nas Febres, uma freguezia que fica quasi portas a dentro da Bairrada; andam em correrias para Anadia, para Coimbra, para Lisboa, os parochos deslocados de muitas freguezias dos concelhos de Anadia e Oliveira do Bairro; ha ferimentos graves em Sangalhos, junto á residencia parochial; o povo perde de todo o respeito ás altas influencias da localidade; dá constantemente gritos á republica; amotina-se; brada contra os impostos novos e contra o ministerio; fazem-se prisões, e os jornaes da localidade affectos ao governo e os amigos da situação dando-se ares de conselheiros a quem não lhes pede conselhos, não cessam de dizer que tudo é paz, que tudo vive na mais doce e feliz harmonia!...

Já se viu defeza menos séria, mais contraproducente?!...

Mas ainda ha mais.

O povo, allucinado, commette os maiores desacatos que é possivel suppôr. A adega do presidente da camara da Mealhada é arrombada a golpes de machado, as torneiras dos toneis abertas e o vinho e a aguardente esvaidos para o chão, a jorros. Um vandalismo que representa o prejuizo de 3 contos de réis.

Ao presidente da camara de Anadia são quebrados os vidros das janellas da casa de sua residencia em seguida a outro desacato egual no edificio dos paços do concelho. Em Luzo intenta-se lançar fogo á casa do presidente do conselho de ministros.

Mas ha mais ainda.

Anadia continua cheia de tropa, de infanteria e cavallaria, e o povo ainda na noute de 24 para 25 se conservou em altos descantes, a queimar fogo doidamente, festejando a sahida d'uns suppostos criminosos, presos sem culpa formada, e soltos, horas depois, pela attitude ameaçadora d'uma parte da população da villa. Demittido o regedor pelo novo administrador, *regedor que sempre serviu a politica progressista*, o povo redobra a folia e está, até de madrugada, a atirar bombas e foguetes, não deixando descançar ninguem!

O que representa isto, o que quer isto tudo dizer? Que ha socego na Bairrada? Triste socego e deploraveis scenas que estão servindo de epitaphio á administração progressista, a esta desastrada situação que, em duas semanas, teve a sinistra habilidade de pôr em conflagração todos os concelhos da Bairrada, levando o sobresalto a toda a gente e não poupando os idolos e os proprios amigos, succumbidos e sacrificados.

Esta é que é a verdade dos factos. Negal-a, é negar a luz do sol.

NOTICIARIO

O «Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

*

Aos srs. assignantes

Vamos proceder a nova cobrança, visto que nem todos os nossos assignantes, por quaesquer motivos, satisfizeram os seus debitos. A esses, pois, avisamos da nossa resolução, a fim de prevenirem a eventualidade de não poderem solver os recibos ao serem para isso convidados pelos funccionarios do correio.

*

Continuamos a pedir aos srs. assignantes das localidades abaixo mencionadas o obsequio de mandarem pagar os semestres já vencidos:

Arada, Arruda dos Vinhas, Costa de Vallade, Esgueira e Silveiro.

No comboyo da noute de quarta-feira partiu para Lisboa, d'onde embarcará para o Rio de Janeiro, o nosso amigo sr. Bernardo da Cruz Maia, que vae para alli tratar dos seus negocios commerciaes.

Boa viagem.

Reabriu no domingo o Hotel Aveirense, como estava annunciado, sendo bastante concorrido o jantar da inauguração. A' noute foi alli tocar a phylarmonica Aveirense.

O hotel, como já dissemos, acha-se agora montado em excellentes condições. O serviço não póde ser melhor e os preços são muito em conta.

Oxalá que a fortuna nunca desampare os seus proprietarios, que não se pouparam a trabalhos para montar o estabelecimento de maneira que nada deixasse a desejar.

Na quarta-feira foi registrada na administração do bairro occidental do Porto uma creança do sexo feminino, recebendo o nome de Marselheza.

Foi pouco concorrido o baile de mascaras realisado no domingo, no edificio da rua de José Estevão. Poucas mascaras e essas mesmas d'uma pobreza franciscana.

O baile que se tinha annunciado para quinta-feira foi transferido para hontem, havendo tambem pouca concorrencia.

O carnaval em Aveiro quasi nunca vale um caracol. Só nos ultimos dias é que se nota alguma animação. Será talvez por esse motivo que os bailes são agora pouco concorridos.

Pois para hoje está annunciado outro baile. Quem desejar divertir-se e passar um bocado de noute alegremente envergue um dominó e vá até lá.

Quinta-feira tambem ha baile.

No domingo de manhã reuniu a assembleia geral dos accionistas do theatro Aveirense, a fim de lhe serem apresentadas as respectivas contas e proceder-se á eleição de nova direcção. Depois de approvadas as contas e feita a eleição, foi dado um voto de louvor á direcção cessante pela maneira acertada como se desempenhou das suas funcções.

A direcção eleita no domingo deve tomar hoje posse.

Ante-hontem, pouco depois das 8 horas da manhã, manifestou-se incendio na fuligem da chaminé do hospital da Misericordia. O fogo, que a principio parecia vir a tomar sérias proporções auxiliado por um vento fresco, não chegou, felizmente, a desenvolver-se, sendo extincto ao cabo de pouco tempo.

O toque dos sinos fez convergir ao local do sinistro muito povo, que nunca falta a prestar serviços em taes occasiões.

A livraria Cruz Coutinho, do Porto, acaba de publicar o *Regulamento da lei do recrutamento dos exercitos de terra e mar*, approvado por decreto de 29 de dezembro de 1887, e o *Regulamento da contribuição de registo*, com as alterações feitas pelo decreto de 22 de dezembro de 1887.

Estas leis custam apenas: a primeira, 60 réis; e a segunda, 80 réis.

Ao gerente da livraria agradecemos os exemplares com que nos obsequiou.

Eis como o *Petit Fanal Orandis* descreve o naufragio do hiate *Resolvido*, d'esta praça, cuja tripulação, toda de Ilhavo, foi salva pelos corajosos tripulantes do *Ville de Tarragone*:

«O valente capitão Nodelec, commandante do vapor *Ville de Tarragone*, da Companhia Havraise Peninsulaire, conduzia hontem a seu bordo os naufragos d'um navio de véla portuguez que encontrára perdido. Toda a tripulação sob as ordens do capitão Nodelec rivalisou em coragem e dedicação.

A estes valentes dirigimos com os nossos cumprimentos, a demonstração da nossa admiração sincera.

Parece-nos que o melhor que temos que fazer para narrar este sinistro, é reproduzir simplesmente a cópia do diario de bordo que, no seu laconismo, presta a maior homenagem á simplicidade com que todos aquelles homens de coração sabem dedicar-se para salvar os seus semelhantes:

«Quarta-feira, 4 de janeiro, ás 10 horas e 40 minutos da manhã, a 75 milhas ao norte do cabo Finisterra, vimos a estibordo um navio desmastreado, apenas com o gurupés. A tripulação fazia signaes de soccorro com uma bandeira portugueza, içada n'um pau; immediatamente mandei seguir em direcção a este navio. Ao approximar-me vi que era uma goleta de proximamente 100 toneladas com o nome de *Resolvido*, do porto d'Arceio, (Aveiro).

A' pôpa, sobre o tombadilho, estavam seis homens fazendo signaes de soccorro.

Mandei immediatamente deitar ao mar a lancha de salvação de bombordo e segui com o vapor, em consequencia de haver muito mar no vento da goleta, a fim da canôa não luctar contra as grandes vagas; depois da partida da lancha puz-me sob o vento a fim de facilitar a volta da lancha.

No espaço de uma hora, todos os naufragos estavam a bordo e a embarcação a postos. Devo dizer aqui que toda a tripulação, sem excepção da da machina, manteve n'esta occasião muito boa vontade e que todos estavam promptos a embarcar na lancha de salvação, que foi commandada pelo sr. Laurent, 1.º tenente, e marinheiros Marvand, l'Uérec, Bernard e Carnion, fogueiro.

O mar era tanto que foi necessario seguir depressa, o que não permitiu salvar os papeis de bordo, nem as bagagens da tripulação.

No momento de se salvarem, a goleta estava na posição seguinte: latitude 44º 12' 16", longitude 11º 00' 00".

O capitão declarou-me que a agua subia rapidamente ao porão e, tendo o vento augmentado durante a noite, pensa que o seu navio se afundou.

Extracto do relatorio do sr. capitão Nodelec, commandante do vapor *Ville de Tarragone*, da Companhia Havraise Peninsulaire.»

As nossas informações particulares permittem-nos accrescentar o seguinte:

No momento do desastre, quando estava perdida toda a esperança e a tripulação só tinha a horrivel perspectiva de morte certa, espantosa; no meio do brutal embate das vagas quebrando-se sobre o navio que se afundava lenta mas seguramente, um paquete inglez passou perto, mas os signaes de soccorro não foram reconhecidos por estes commerciantes congelados que não quizeram sequer voltar a cabeça. O mestre da tripulação naufragada, animado pela pequena distancia, tentou chegar a nado ao paquete e afogou-se. E' a unica victima d'este sinistro.

Depois d'este acto de dedicação tão sublime como inutil, os outros naufragos ficaram vinte e quatro horas deante da morte certa vendo afundar-se lentamente o seu navio que tinha agua aberta, e foi no momento em que ia desapparecer que o commandante Nodelec, como francez e homem de coração que é, manobrou para salvar aquella pobre gente.

A tripulação do *Ville de Tarragone* ainda se commove ao lembrar-se d'aquelles homens milagrosamente salvos que, no primeiro bom movimento humano, se lançaram aos pés dos seus salvadores.

Ao chegarem a Oran, o consulado portuguez e o agente da Companhia, o sr. Lepré, foram immediatamente a bordo e fizeram vestir, tratar e cuidar dos desgraçados marinheiros que o commandante Nodelec tratára excellentemente desde que estavam a seu hospitaleiro bordo.»

Na segunda-feira foi atropellada por um carro de bois, no lugar de S. Bernardo, suburbios d'esta cidade, uma creança de 13 annos de idade, ficando em tal estado, que se acha em perigo de vida.

Ignoramos como se deu o desastre.

Realisou-se na terça-feira um enterro civil no cemiterio do Prado do Repouso, no Porto.

Communicam de Pardelhas á *Voz de Estarreja* que um vendedor de fazendas, ambulante, que alli se acha n'uma casa perto da praça, desflorou ha dias uma creança de 11 annos, que andava a mendigar.

O monstro, quando a pobre menina passava pela rua, chamou-a ao engano para dentro do cubiculo em que mora, e alli cevou na innocente os seus desejos de bruto.

A indignação é geral. O povo affluiu á porta do malvado muito disposto a fazer justiça por suas mãos, já que a infeliz é orphã de pae e mãe e não tem parentes que vão pôr n'um feixe os ossos d'aquella besta despresivel.

Todo o rigor da lei será pouco para punir esta brutalidade.

Foi determinado que diversos lanços de estradas no districto de Aveiro constituam uma empreitada geral, subdividida em pequenas empreitadas e que se abra concurso para a sua adjudicação.

Inserimos hoje na quarta pagina do nosso jornal um annuncio respeitante aos afamados remedios de Ayer. Julgamos desnecessario fazer qualquer recommendação a estes medicamentos, porque o grande consumo que elles teem em toda a parte são a melhor prova dos magnificos resultados que se obtem da sua applicação.

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias e em casa dos agentes os srs. James Cassels & C.ª, no Porto.

Nada menos de quatro raptos em Braga, a terra do beaterio, durante uma semana! E viva o progresso! Tem a palavra um correspondente d'alli:

«Estamos em maré de raptos: nada menos de quatro já se contam, na semana que vae correndo, e todos elles operados n'esta cidade. Uma casada e tres solteiras commetteram a fraqueza de suffocar os sentimentos do dever, para ceder aos impulsos d'uma paixão que lhes póde ser fatal; tiveram a pessima ideia de trocar a amisade franca e desinteressada da familia pelos affectos illusorios de um Adonis enamorado que conseguiu pôr-lhes a cabeça a razão de juros.»

No Brazil progride com assombrosa rapidez o movimento tendente a acabar de vez com a escravatura n'aquelle paiz. Ha poucos dias na cidade de S. Paulo, foram de uma só vez proclamados livres 6:230 escravos, e brevemente devem ser libertados muitos outros. São sobremodo lisongeiros estes factos para todos os que não são indifferentes aos progressos da humanidade.

Em consequencia de estar gravemente doente o carcereiro da villa de Pombal, fervem já os pretendentes ao logar, pois ha já uns seis aspirantes. Aquelle, porém, que parece ter mais probabilidades de apanhar a posta é um tal Manuel Marques, cuja aptidão para o cargo é incontestavel, pois que tendo já por duas vezes estado alli preso, conhece de sobra a cadeia por dentro e por fóra.

A'cerca da assombrosa torre Eiffel, lê-se o seguinte n'uma carta de Pariz para uma folha de Lisboa:

«O que era ainda hontem um mytho é hoje quasi uma realidade... A base do grande arco acha-se quasi completa; e essa enorme gaiola de ferro ergue-se magestosamente no começo do Campo de Marte, dominando o horisonte,—enorme braço de ferro e aço que em breve havemos de vêr quasi a fender o céu, verdadeiro braço de gigante fabuloso em constante ameaça aos espaços isondaveis...

Não é sem uma certa altivez e um certo brio que os architectos e engenheiros francezes apresentarão á Europa boquiaberta esta prodigiosa construcção metalica, que pelas suas dimensões causa admiração de todos nós, homens no entanto desde ha muito habituados ás victorias incessantes da sciencia moderna, no campo da Industria. E' a historia de quasi todo o nosso seculo—esta lucta do homem contra o ferro, d'onde o trabalho humano sahe sempre coroado pelo triumpho e pela victoria.

A *tour* Eiffel está de ha muito conhecida dos nossos leitores. As gravuras da famosa torre abundam no mercado. Por toda a parte se vê hoje a photographia ou a gravura da grande obra de Eiffel. E até mesmo os confeiteiros já fabricam grandes bolos e *pudings* com a fórma da torre, toda formada de amendoas e assucar. E' de crêr que esta invenção já se encontre convenientemente installada, a estas horas, n'alguma *vitrine* de Lisboa...»

ESPECTACULOS

BAILES DE MASCARAS

Na casa aonde esteve o Club Aveirense, á rua de José Estevão, ha hoje, domingo, grande baile de mascaras. Entrada, 120 réis. As damas decentemente vestidas teem entrada gratis até ás 10 horas da noute. — O baile principia ás 8 e meia e termina á 1 hora.

Quinta-feira, á mesma hora, grande baile de mascaras.

BIBLIOGRAPHIA

A Monarchia e os Braganças. *Discurso proferido n'um sarau litterario commemorativo do 247 anniversario da nossa independencia por Joaquim Fontes Pereira de Mello.* Preço 60 réis.

Recebemos este folheto. Ha dois mezes os jornaes da localidade occuparam-se d'esse discurso em termos desfavoraveis para o auctor. Que fôra, este, inconveniente nas expressões de que usára. Que fizera uma manifestação anti-monarchica, impropria e injusta. Emfim, que falseára a historia.

Como não tinhamos ouvido o discurso calámo-nos, que era o mais prudente. Agora, que o recebemos impresso, que o lêmos, cumpre-nos dizer duas palavras. E não ha ninguem mais insuspeito do que nós.

O discurso não é obra de folego, nem admira. O seu auctor é novato. Resta-lhe muito que aprender e muito que limar. Não tem scintillações oratorias. E' um ensaio timido, trabalho de principiante. Tem, na verdade, uma palavra ou outra, ainda que poucas, realista e que mal se harmonisa com os ouvidos d'uma mulher. O que se escreve n'um livro ou n'um jornal faz sua differença do que se diz n'uma sala. E o auctor esqueceu-se um pouco d'isso. Mas falsidades e injustiças é que não contem. Antes por esse lado é suave.

Manifestação anti-monarchica! Pois qual é o orador ou o escriptor digno d'esse nome que póde deixar de a fazer, seja elle o mais retrogrado que se encontre, ao falar dos successos de 1640? Só um ignorante, só um petulante. De resto a verdade historica ha de leva-lo necessariamente a fulminar os agentes realistas, que obraram no periodo notavel da nossa independencia.

Injustiças, falsidades historicas! Pratica-as, sim, quem tecer panegyricos á familia dos bragança. Quem a tratar com todo o horror, com todo o negrume que a historia lhe estende por cima, esse é justo, esse é verdadeiro. Só os *fidalgos* da nossa terra poderão entender o contrario.

Por esse lado, pois, foram muito mal cabidos os artigos dos jornaes da localidade. E sê-lo-hiam em tudo se o orador se lembrasse que o primeiro dever de quem fala é estudar a assembleia.

E' o que nós entendemos do folheto e pelo nome do auctor ninguem nos accusará de parciaes. E se falámos com este desprendimento é porque timbrâmos em sêr justo, seja com quem fôr.

*

O Mundo Elegante.—Publicou-se o n.º 4, do 2.º anno, d'este magnifico jornal de modas, elegancia e bom tom, dedicado ás senhoras portuguezas e brazileiras.

ANNUNCIOS

Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorisado pelo governo, e approvado pela junta consultiva de saude publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da côrte do Rio de Janeiro

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dóse, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se egual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro napharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA

PARA', MARANHÃO, CEARA' E MANAUS

PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS E RIO GRANDE DO SUL

Preços sem competencia

Passagens de 3.ª classe a 25$000 réis

Para a provincia de *S. Paulo* dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23, com o correspondente

Manuel José Soares dos Reis.

ATTENÇÃO. — O annunciante encarrega-se da liquidação de heranças e quaesquer outros negocios em todo o imperio do Brazil, mediante modica commissão.

Na rua dos Mercadores, n.os 19 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.

Trabalhos perfeitos e preços baratissimos.

3$200 REIS

UMA NOVA INVENÇÃO!!

Ainda nenhuma foi tão admirada no mundo como a machina de coser FLORA, construida por o grande mechanico Frank, e propria para coser todas as fazendas

MACHINA DE COSER UNIVERSAL FLORA

que faz excellentes serviços em todas as obras de agulha. Cose todas as fazendas sem differença; construcção duradoura de aço e de ferro; manobra simples e facil. Expede-se completamente prompta para trabalhar. Reparações não necessarias.

Preço de cada machina completa 3$200 REIS

Esta machina é construida de maneira que a agulha não póde quebrar-se durante o trabalho. Toda a gente póde comprar esta estupenda machina de coser, universal, sem prejuizo, porque immediatamente se restitue a importancia, se a machina não trabalhar.

Todas as encommendas devem ser dirigidas, acompanhadas do pagamento adiantado de 3$200 réis por meio de vale do correio, ao unico depositario das machinas de coser FLORA

M. RUNDBAKIN

TABORSTRASSE, 28. — VIENNA DE AUSTRIA

JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

—=AVEIRO=—

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prégo d'arame, etc.

DEPOSITO AMERICANO

Apparelhos, Utencilios e Implementos Domesticos, Agricolas e Industriaes.

Agencia e Casa Introductora de Artigos especiaes de Norte-America.

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 127, PORTO.

REZ-DO-CHÃO.

BOMBAS HYDRAULICAS De POÇO, CYSTERNA &c.

ARAME "CERCA-ESPINHO" Para vedar gado, &c.

GRANDE DEPOSITO DE TUBOS DE FERRO zincados e pretos para CANALIZAÇÕES.

Tubos de Borracha (CAUTCHOC).

FOGÕES CULINARIOS.

ESTUFAS DE SALA.

LOUÇAS DE FERRO "AGATE" Para serviços da cozinha e meza, &c.

ARADOS.

Debulhadoras de Milho.

PRENÇAS Para Fructas e Drogas.

E OUTROS ESPECIALIDADES, &c.

MOTORES A VENTO

(ou Moinhos de Vento)—TUBBINA DE FERRO—systema o mais economico possivel para elevar agua a qualquer distancia.

MACHINAS E ARTIFICIOS DIVERSOS POR ENCOMMENDA.

Aceita-se ORDENS para os Estados Unidos da America, e para Inglaterra

ESCRIPTORIO, 2.° andar, HERBERT CASSELS, Agente, 127, MOUSINHO DA SILVEIRA, PORTO.

(Telefone N.° 250.)

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de cereja de Ayer—O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparrilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.

VIGOR DO CABELLO DE AYER — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Acido Phosphato de Horsford's

E' um agradavel e saudavel **REFRESCO.** Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dôres de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. E' baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua.

Os agentes JAMES CASSELS & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, 127, 1.º, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES, para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de nodoas de roupa, limpar metaes, e curar feridas.

Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço, 240 réis.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belem. Pacote 200 rèis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene, da côrte do Rio de Janeiro, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Publicações

Instrucção de Ceremonias

Em que se expõe o modo de celebrar o sacrosanto sacrificio da missa

POR UM SACERDOTE—D. C. D. M.

NOVA EDIÇÃO MELHORADA

Approvada para o Seminario do Porto pelo ex.mo e rev.mo sr cardeal D. AMERICO FERREIRA DOS SANTOS SILVA, bispo do Porto

Preço . . . . 500 réis

PELO correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas á livraria Cruz Coutinho, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

Regulamento da lei do recrutamento

DOS EXERCITOS DE TERRA E MAR

Approvado por decreto de 29 de dezembro de 1887; com todos os respectivos modelos.

Preço, 60 réis

Regulamento da contribuição de registo

Com as alterações feitas pelo decreto de 22 de dezembro de 1887; com os respectivos modelos.

Preço, 80 réis

QUALQUER d'estes regulamentos se remette pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas á livraria Cruz Coutinho, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

BELEM & C.ª

Empreza editora—Serões Romanticos—Cruz de Pau, Lisboa

OS AMORES DO ASSASSINO

POR

M. JOGAND

O melhor romance francez da actualidade

VERSÃO DE JULIO DE MAGALHÃES

Edição ornada com magnificas GRAVURAS e excellentes CHROMOS a finissimas côres

Brinde a todos os assignantes no fim da obra — **Um album da Batalha**

BRINDE EM OURO—100$000 réis em tres premios da loteria de Madrid que a empreza fixar, para o que cada assignante receberá opportunamente uma cautella com cinco numeros.

Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis, pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é á custa da empreza.

Typ. do «Povo de Aveiro»
Rua da Alfandega, 7